

**IDENTIDADE FEMININA E MUSICALIDADE:  
QUEM ERA/É MULHER DE VERDADE, AMÉLIA?**

*Raquel Oliveira de Araújo* (UERN)

[raquelaraujo@alu.uern.br](mailto:raquelaraujo@alu.uern.br)

*Francisca Ramos-Lopes* (UERN)

[franciscaramos@uern.br](mailto:franciscaramos@uern.br)

**RESUMO**

Discussões sobre identidades e empoderamento feminino na escola são uma iniciativa capaz de contribuir para a formação de mulheres mais fortes, confiantes e preparadas para construir posições de sujeito e tornar essa temática cada vez mais efetiva. O objetivo desta produção é (re) significar o conceito de “mulher de verdade” registrado na letra das músicas “Ai! Que saudade da Amélia” de Ataulfo Alves e “Não precisa ser Amélia” de Bia Ferreira. Os postulados teóricos são advindos da análise do discurso de língua francesa com eixos basilares nos estudos de Pêcheux (1983), Orlandi (1999) e dos estudos culturais, a partir de Hall (2003) e Bauman (2005). Metodologicamente, estudaremos aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento feminino presentes na letra das músicas, o que caracteriza a pesquisa como qualitativa/interpretativista (MOITA-LOPES, 1994). Nas análises, trabalharemos a os efeitos de sentidos produzidos a partir dos diferentes retratos da mulher reproduzidos em nossa sociedade e a importância das ressignificações e do empoderamento feminino. Posto que na sociedade atual, estamos em um cenário de discussões a respeito das identidades e da expansão dos ideais feministas, produz sentidos que a temática em tela seja levada às salas de aula, uma vez que ela oportuniza reflexões sobre o respeito às diferenças e contribui para fortalecer a luta pela igualdade de direitos.

**Palavras-chave:**

**Empoderamento. Efeitos de sentido. Identidade Feminina.**

**ABSTRACT**

Discussions about female identities and empowerment at school is an initiative capable of contributing to the formation of stronger, confident and prepared women to build subject columns and make this theme increasingly effective. The purpose of this production is to (re) signify the concept of “real woman” recorded in the lyrics of the songs “Ai! I miss Amélia” by Ataulfo Alves and “No need to be Amélia” by Bia Ferreira. The theoretical postulates come from the analysis of the French language discourse with basic axes in the studies of Pêcheux (1983), Orlandi (1999) and cultural studies, from Hall (2003) and Bauman (2005). Methodologically, we will study the subjective aspects of social phenomena and female behavior present in the lyrics of the songs, which notes a research as qualitative / interpretive (MOITA-LOPES, 1994). In the analyses, we will work on the effects of meanings found from the different portraits of women reproduced in our society and the importance of resignifications and female empowerment. Since in today’s society, we are in a scenario of value regarding the identities and expansion of feminist ideals, producing rooms where the subject on screen is brought to classes, since it provides opportunities for reflections on respect for differences and contributions to strengthen the fight for equal rights.

**Keywords:**

**Empowerment. Female Identity. Meaning effects.**

### **1. Considerações iniciais**

A necessidade de provocar questionamentos referentes aos diversos retratos femininos na sociedade está diretamente associada à urgência em incentivar jovens ao despertar para a igualdade de direitos, visando assim à formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a escolha do gênero música, considerado abrangente e eficaz, torna acessível o diálogo e as análises referentes às posições de sujeito assumidas pelos seus autores.

Assim, o presente trabalho, produzido em um contexto de discussões acerca dos ideais feministas, além de analisar os discursos presentes no *corpus*, acompanha uma proposta de oficina a ser trabalhada em sala de aula, com o intuito de oportunizar conhecimentos sobre o empoderamento feminino. Desse modo, foram escolhidas as músicas “Ai! Que saudade da Amélia”, de Ataulfo Alves e “Não precisa ser Amélia” de Bia Ferreira, as quais constituem um *corpus* de bastante representatividade, uma vez que discorrem sobre os diferentes papéis que as mulheres assumiram com o passar dos anos.

Além disso, é importante ressaltar que os postulados teóricos dar-se-ão a partir dos preceitos da Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nos estudos de Pêcheux (1983), Orlandi (1999) e dos estudos culturais, a partir de Hall (2003) e Bauman (2005). Ademais, para conceituar empoderamento, a pesquisa terá como base Batliwala (1994).

Quanto à metodologia adotada nesta produção, convém evidenciar que a abordagem é qualitativa-interpretativa (Cf. MOITA LOPES, 2006), posto que serão estudados os aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento feminino presentes na letra das músicas. Nesse viés, a escolha das músicas se justifica pela intertextualidade existente entre as duas, de forma que a música de Bia Ferreira faz uma crítica à de Ataulfo Alves, o que torna as análises bastante enriquecedoras e confrontantes.

No que diz respeito aos resultados, são notórias as diferentes atribuições dadas às mulheres e a forma como isto é enxergado por homens e mulheres na sociedade. Comprovam-se tais atribuições através das intencionalidades e heterogeneidades presentes nos discursos de cada um dos compositores. Dessa forma, sugere-se também que um assunto tão

relevante deve ser levado às salas de aula, para que a atual geração de mulheres tenha consciência de suas potências.

## **2. *Análise do Discurso: visão geral e reflexões introdutórias***

Para o início do entendimento a respeito da noção de discurso como objeto da Análise do Discurso, há que enquadrá-lo não como língua, texto ou fala, porém como uma unidade que necessita de elementos para constituir uma existência material, envolvendo, assim, o contexto social e questões de natureza não estritamente linguísticas.

Assim, não podendo desconsiderar os aspectos sociais e ideológicos existentes nas palavras, sempre que são ditas, é crucial entender que a linguagem revela, de forma material, os lugares socioideológicos que cada sujeito ocupa. Desse modo, por mais que o discurso não seja a linguagem em si, ele necessita dela para ter existência real. Nesse sentido Orlandi afirma que

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p. 15)

Portanto, sujeitos que assumem diferentes discursos acerca de uma temática, revelam formações ideológicas diferentes. Essa troca de ideologias resulta na noção de sentido, uma vez que o processo de produção de sentidos é consequência dos efeitos de sentido produzidos a cada manifestação da linguagem. Considerando-se, portanto, o discurso como palavras em movimento e carregadas de ideologia, Pêcheux teoriza:

As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem. O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sóciohistórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997b, p. 190)

Dessa maneira, compreende-se que é no social que as posições de sujeito são definidas, ou seja, os discursos não são fixos, pois acompanham as várias transformações sociais ocorridas ao longo do tempo e tais mudanças influenciam diretamente na constituição dos sujeitos enunciativos.

### 3. *O discurso, o sujeito e a identidade*

Levando em conta a natureza heterogênea dos objetos de estudo da Análise do Discurso, é necessário observar os conceitos de discurso, sujeito e identidade, através de ocorrências linguístico-discursivas, tendo em vista que os enunciados apontam para posições-sujeito. Orlandi afirma:

O lugar histórico-social em que os sujeitos enunciadore de determinado discurso se encontram envolveo contexto e a situação e **intervém a título de** condições de produção do discurso. Não se trata da realidade física e simde um objeto imaginário socioideológico. Trata-sede alguma coisa mais forte – que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua, que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder. (ORLANDI, 1999, p. 32)

Assim, deve-se entender que o sujeito é marcado por heterogeneidade e intensos conflitos, manifestando-se por meio da linguagem. Desse modo, tudo que é dito é produzido e norteado por implícitos e por formações ideológicas diversas. Às diferentes vozes que constituem os discursos, dá-se a nomenclatura *polifonia*, além disso, a *heterogeneidade* refere-se às formas como essas vozes aparecem dentro dos discursos.

A despeito da heterogeneidade, Authier-Revuz (1982) a subdivide em constitutiva e mostrada, a primeira resulta do entrelaçamento de diferentes discursos presentes no meio social, ou seja, a heterogeneidade constitutiva é uma condição para a existência dos discursos e do sujeito. Já a heterogeneidade mostrada explicita a voz do outro presente nos discursos dos sujeitos, sendo, portanto, identificável linguisticamente.

Dando seguimento, temos os conceitos de *identidade* trazidos por Hall (2003) e Bauman (2005), os quais contribuem para os estudos da Análise do Discurso, uma vez que eles a entendem como fragmentada e plural, assim afirmando que um sujeito é formado por inúmeros fragmentos de outros, confirmando assim a sua multiplicidade. Assim sendo, partiremos agora para o conceito de identidade feminina.

### 4. *Identidade feminina, empoderamento e a multiplicidade da mulher atual*

Cuida da casa, dos filhos, estuda e trabalha, ou, por vezes, escolhe não constituir família. Esse é retrato da mulher atual, tão corriqueiramente sobrecarregada com as tarefas que lhe são atribuídas e com os papeis

que assumiu ao longo dos anos. Entende-se, portanto, que as mulheres nem sempre foram divididas e múltiplas como atualmente são, visto que, através de suas lutas, conseguiram trilhar caminhos para a autonomia, mesmo que esta ainda seja questionável, diante do cenário machista e patriarcal no qual estamos inseridas. Nesse sentido, para pensar na compreensão do conceito de identidade feminina, há a necessidade de recuperar a história e a construção da mulher através do tempo.

Assim, pensando-se na identidade feminina atual, chega-se a um termo muito utilizado na atualidade: o empoderamento. Acerca desse termo, Batliwala assim coloca:

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. (BATLIWALA, 1994, p. 130)

Logo, dentro do contexto da luta pela igualdade de direitos femininos, o termo empoderamento surge como um conjunto de práticas que levam à orientação de mulheres, com o intuito de que ocupem cada vez mais espaços sociais e tenham seus direitos igualados aos homens que ocupam as mesmas funções, sobretudo no mercado de trabalho. Destaca-se também o fato de que mulheres que reconhecem seus direitos, lutam para diminuir a força que as relações machistas e sexistas exercem nos mais diversos âmbitos sociais. Assim, urge a necessidade de socializar informações sobre uma sociedade igualitária a meninas e mulheres, que muitas vezes não têm acesso a esse tipo de orientação nos seus meios familiares.

##### **5. Quem era/é mulher de verdade, Amélia?**

É inegável que as produções musicais marcam a vida das pessoas, de diversas formas, e muitas vezes demonstram traços da realidade da época em que foram lançadas. Esse fato é importante para que se possa começar a analisar as duas músicas escolhidas para compor o *corpus* deste trabalho, quais sejam “Ai! Que saudade da Amélia”, de Ataulfo Alves e “Não precisa ser Amélia”, de Bia Ferreira, percebe-se aqui uma intertextualidade entre as duas músicas.

Inicialmente, analisar-se-á a música “Ai! Que saudade da Amélia, composta por Mário Lago e Ataulfo Alves. Gravada pela primeira vez em 1942, essa composição ecoou durante anos nas rádios espalhadas pelo Brasil e é considerada um clássico do samba, assim dificilmente há quem nunca a tenha escutado. Conforme os compositores, a música foi inspirada em Amélia dos Santos Ferreira, na época empregada da cantora Aracy de Almeida e, através da descrição de “mulher de verdade”, foi consagrado na sociedade o conceito de Amélia, como uma mulher submissa e companheira do homem em todas as dificuldades. Por consequência, o conceito foi integrado ao vocabulário no Dicionário Aurélio com a seguinte descrição: “Mulher que aceita toda sorte de privações e/ou vexames sem reclamar, por amor a seu homem”. Abaixo a letra da música:

Ai! Que saudade da Amélia  
 Nunca vi fazer tanta exigência  
 Nem fazer o que você me faz  
 Você não sabe o que é consciência  
 Não vê que eu sou um pobre rapaz

Você só pensa em luxo e riqueza  
 Tudo o que você vê, você quer  
 Ai, meu Deus, que saudade da Amélia  
 Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado  
 E achava bonito não ter o que comer  
 Quando me via contrariado  
 Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!  
 Amélia não tinha a menor vaidade  
 Amélia é que era mulher de verdade

(Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mario-lago/377002/>)

Para analisar a música de Ataulfo Alves, deve-se considerar a posição-sujeito do compositor, bem como sua formação discursiva. Conforme já foi exposto, a música foi escrita em 1942, exatamente na década marcada pelos primeiros Movimentos Feministas, fato que revela o descontentamento dos homens da época com as mulheres que estavam querendo conseguir mais espaço nos meios sociais. Convém também ressaltar que os dois compositores são homens, o que influencia diretamente no retrato da mulher ideal, exposto na canção.

Nesse sentido, há um sujeito coletivo, caracterizado pela heterogeneidade em sua constituição, pois ao colocar os comportamentos de Amélia como correspondentes ao de uma mulher de verdade, acredita-se que essa mulher seja a ideal para todos os homens e para toda a sociedade.

de. Nesse viés, no enunciado “Você só pensa em luxo e riqueza/Tudo o que você vê, você quer”, percebe-se que, conforme os compositores, uma mulher que tem suas próprias vontades foge daquilo que os homens daquela época almejavam como boa companheira.

Dessa forma, há também nessa música, uma formação discursiva pautada no machismo e no papel de submissão que as mulheres assumiam à época de sua escrita, como evidenciado no enunciado: “Às vezes passava fome ao meu lado/E achava bonito não ter o que comer”. Esperava-se, portanto, que mesmo em situações extremas, as mulheres não reclamassem das condições nas quais viviam dentro de seus casamentos.

Na música “Ai! Que saudade da Amélia”, percebe-se que a identidade feminina retratada nessa música deixa claro o papel da mulher, enquanto cúmplice fiel ao seu companheiro, orientada a não ter voz e autonomia em sua rotina e em sua casa, bem como, a não ter possibilidades de conseguir mudar sua realidade, uma vez que a sociedade, em geral, adotou essa definição e a reproduziu por bastante tempo.

Após a análise da primeira música que compõe o *corpus* deste trabalho, não se pode deixar de citar que esse retrato de mulher submissa não está totalmente abolido, apesar das diversas transformações sociais ocorridas com o passar das décadas. Vivemos em um país marcado por diversas demonstrações de machismo e sexismo em todos os âmbitos e, nesse contexto, surge a segunda música que compõe as análises: “Não precisa ser Amélia”, de Bia Ferreira. Segue abaixo a letra da canção:

Não precisa ser Amélia

Estrela que brilha, clareia a trilha  
Ilumina e guia o meu caminhar  
Alumeia um pouquinho esse meu caminho  
Me dê uma luz, tá difícil enxergar

Quanto mais eu ando, mais escuro fica  
Me dê uma dica pra poder seguir  
Não sei o que faço  
Se ando, se paro, se corro, se sigo, se fico aqui

Tome minha boca pra que eu só fale  
Aquilo que eu deveria dizer  
A caneta, a folha, o lápis  
Agora que eu comecei a escrever  
Que eu nunca me cale

O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar  
Sou mulher, sou preta, essa é minha treta

Me deram um palco e eu vou cantar  
Canto pela tia que é silenciada  
Dizem que só a pia é seu lugar  
Pela mina que é de quebrada  
Que é violentada e não pode estudar  
Canto pela preta objetificada  
Gostosa, sarada, que tem que sambar

Dona de casa limpa, lava e passa  
Mas fora do lar não pode trabalhar  
A dona de casa limpa, lava e passa  
A dona de casa

Não precisa ser Amélia pra ser de verdade  
Você tem a liberdade pra ser quem você quiser  
Seja preta, indígena, trans, nordestina  
Não se nasce feminina, torna-se mulher

E não precisa ser Amélia pra ser de verdade  
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser  
Menos preta, indígena  
Não se apropria  
Quer ser preta dia a dia  
Pra polícia cê num é

(Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bia-ferreira/nao-precisa-ser-amelia/>)

A música de Bia Ferreira, gravada em 2018, é uma resposta contrária aos preceitos de “mulher de verdade”, retratados em “Ai! Que saudade de Amélia”. Evidencia-se aqui a posição-sujeito assumida pela compositora, uma mulher negra, de origem pobre, criada por uma família evangélica. O título “Não precisa ser Amélia”, em primeiro momento, sugere que não há a necessidade de ser a Amélia de Ataulfo, o que direciona o ouvinte a imaginar o teor da crítica que será feita ao longo da letra.

Logo nas primeiras estrofes da letra, percebe-se a heterogeneidade presente no discurso da compositora, assim como em

Sou mulher, sou preta, essa é minha treta /Me deram um palco e eu vou cantar/ Canto pela tia que é silenciada/ Dizem que só a pia é seu lugar/Pela mina que é de quebrada/Que é violentada e não pode estudar/Canto pela preta objetificada/Gostosa, sarada, que tem que sambar.

O dito, na letra dessa música, é um estigma carregado por inúmeras mulheres, sobretudo pelas mulheres pretas. Bia aproveita a visibilidade que alcança com sua música, para falar por mulheres que não têm o mesmo acesso e as mesmas possibilidades de explicitarem o que lhes aflige e sufoca, no que diz respeito às práticas machistas.



No trecho “Dona de casa limpa, lava e passa/Mas fora do lar não pode trabalhar”, a compositora faz uma afirmação acerca da Amélia cantada por Ataulfo, aquela que passava fome ao lado dele e nada podia fazer, ou seja, não poderia descuidar do lar para trabalhar fora e construir sua autonomia. Aqui fica clara a formação discursiva de Bia, permeada pela convivência e pelo conhecimento de muitas mulheres que não tiveram a oportunidade de progredir, em decorrência dos abusos sofridos pelos homens, em uma sociedade desigual.

Em continuidade, no discurso “Não precisa ser Amélia pra ser de verdade/Você tem a liberdade pra ser quem você quiser/Seja preta, indígena, trans, nordestina/Não se nasce feminina, torna-se mulher”, a compositora explicita mais uma vez o seu posicionamento diante do fato de não precisar ser submissa e subserviente para ser de verdade. Traz também, mais uma vez, a voz de mulheres marginalizadas em nossa sociedade, as pretas, indígenas, trans e nordestinas.

É importante salientar o impacto discursivo, pois essas mulheres sofrem diariamente com as desigualdades e a violência. Além disso, ao afirmar que não se nasce feminina, Bia corrobora a ideia de que não há um único modelo de mulher, pelo contrário, cada mulher pode ser o que ela quiser, encaixando-se assim no meio social que deseja, apesar dos inúmeros percalços que precisa enfrentar.

Explicitando ainda sua posição discursiva, no seguinte enunciado “Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser/Menos preta, indígena/Não se apropria/Quer ser preta dia a dia/Pra polícia cê num é”, Bia faz uma crítica às mulheres brancas, que por possuírem maior prestígio social, por vezes se apropriam, invalidam e/ou invisibilizam os discursos das mulheres pretas e indígenas, porém essas últimas mulheres são vítimas das mais diversas mazelas sociais, inclusive com a repressão policial.

Expostas as diferentes formações discursivas dos enunciadoreis, são notórias as transformações pelas quais as mulheres passaram, através de resistência e muitas lutas. É na música de Bia Ferreira, escrita recentemente, que nota-se como ainda encontramos-nos longe do ideal de sociedade justa, mas estamos a caminho e possuímos ferramentas para promover a conscientização sobre a igualdade de direitos.

## 6. *Considerações finais*

Mulher não pode isso, mulher não pode aquilo, muitas regras e muitas imposições, assim são orientadas as meninas desde o seu nascimento. Amélia foi, por anos, a figura de mulher ideal, até que essa mesma Amélia decidiu que não queria ser apenas o complemento de um homem, e essa decisão incomodou bastante.

À vista disso, é relevante compreender que as condições sociais atribuídas aos sujeitos, explicitam diferentes formações discursivas. Logo, no primeiro conceito de “mulher de verdade”, retratado na música de Ataulfo Alves, temos uma formação discursiva baseada na superioridade masculina e na submissão feminina, e toda essa subserviência era considerada normal para a maioria da sociedade. Em contrapartida, quando Bia Ferreira canta “Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser”, compreende-se que parcela da sociedade ainda discorda da afirmação. A formação discursiva de Bia a influenciou a compor uma música que diz muito sobre a necessidade que as mulheres têm de falar e existir.

Nesse viés, propõe-se que nas práticas pedagógicas, realizam-se oficinas de leitura que contemplem diferentes formações discursivas. Esta é uma ação de extrema responsabilidade e pertinência, especialmente, considerando-se o fato de que muitos meninas e meninos não têm acesso a diálogos sobre temáticas diversificadas em suas conjunturas familiares. Ou seja, quanto mais cedo tais propostas reflexivas forem inseridas em salas de aula, maiores serão as chances de mudanças sociais, a curto e longo prazo.

Em conclusão, a organização escolar precisa cada vez mais inserir os estudantes em discussões acerca das mais diversas problemáticas, que englobam os direitos humanos e a sociedade. Não há como pensar em meninos e meninas, sem os devidos esclarecimentos sobre como as mulheres, por tanto tempo, ocuparam e ocupam posições de inferioridades, além de serem comumente hostilizadas nos mais diversos ambientes. Tais medidas serão efetivas na luta pela igualdade de gêneros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'outre dans le discours. *DRLAV*, n. 26, Paris: Centre de Recherches de l'Université de Paris III, 1982. p. 91-151

BATLIWALA, Srilatha. Grassroots movements as transnational actors: implications for global civil society. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, v. 13, n. 4, 1994.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PECHEUX, Michel. *A Análise do discurso: três épocas* (1983). In: GADDET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990b. p. 311-19

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: EDUNICAMP, 1997b.